**WALLON E O ESTÁGIO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA FAIXA ETÁRIA DE 0 A 12 MESES**

Ludimilla Neres Costa

***Resumo:*** *Este trabalho apresenta as concepções de Wallon sobre o estágio impulsivo entendendo como se dá o processo impulsivo emocional da criança, enriquecendo nossa formação como educador infantil. No entanto, essa pesquisa bibliográfica, não contará com pesquisa de campo, sendo desnecessária a aplicação de entrevistas. Será feito apenas um estudo e análise das teorias de Wallon, onde serão abordadas as seguintes temáticas: motricidade, movimento; pensamento, cognição; personalidade, afetividade. Desse modo, o trabalho vem abordando alguns dos desenvolvimentos das crianças nos primeiros anos de vida. Wallon fala que o desenvolvimento dos estágios ou fases é orientado por princípios convergentes, predominância, alternância e integração funcional. Para a perspectiva walloniana, o desenvolvimento humano é motivado pela ação das emoções que se expressa pela motricidade, nos contextos das relações sociais. Todavia, através desse trabalho busca-se enfatizar a importância das ideologias walloniana para a educação, principalmente no que se refere aos estágios impulsivos emocional da criança.*

***Palavras-chaves:*** *Impulsivo, Emocional, Educador, Criança e Wallon.*

**INTRODUÇÃO**

O presente projeto tem como objetivo realizar um estudo bibliográfico sobre os estágios evolutivos da criança, tendo em vista as contribuições dos pressupostos teóricos de Wallon, analisando a escassez de aprofundamento no que se refere às teorias voltadas ao desenvolvimento da criança de 0 a 1 ano.

Nessa perspectiva, podemos observar a relevância de estudos voltados ao desenvolvimento da criança, cujas concepções da psicologia relacionadas a educação em que para Wallon é essencial para a construção do conhecimento da criança, dá-se a perceber que sua teoria de desenvolvimento é ainda hoje pouco divulgada nos meios educacionais.

De acordo com as teorias Wallonianas, o desenvolvimento da criança aparece descontínuo, marcado por contradições e conflitos, resultado este da maturação e das condições ambientais, provocando alterações qualitativas no seu comportamento como um todo.

Nessa perspectiva, Wallon realiza um estudo que é centrado na criança contextualizada, isto é, posta no ambiente imediato, social e histórico. Nesse contexto onde a criança é estudada, considera-se o ritmo na qual se sucedem às etapas do desenvolvimento.

Essas etapas são descontínuas. Elas trazem em si mesmas as marcas dos conflitos, dos movimentos dialéticos, das rupturas ou cortes vivenciados, retrocessos e reviravoltas etc. Esses “conflitos” – pertencentes ao próprio crescimento humano – provocam em cada etapa, profundas mudanças nas anteriores.

O conhecimento, pois não é linear e a autonomia está diretamente relacionada com os limites da organicidade e os construídos pela sociedade e história humana.

A verdade é, pois em Wallon, algo subjetiva, pois cada pessoa tem a sua e é histórica porque se transforma ao longo do tempo. Dessa maneira a passagem dos estágios de desenvolvimento não se dá linearmente, por ampliação. Ela ocorre por reformulação, instalando-se no momento da passagem de uma etapa a outra, no qual perpassam crises que afetam a conduta da criança.

Nessa linha de pensamento, este trabalho em sua pesquisa bibliográfica, procurou mostrar um estudo aprofundado sobre a teoria Walloniana acerca do desenvolvimento da criança no estágio impulsivo emocional.

Neste sentido, Wallon elabora cinco estágios da evolução psicológica da criança de acordo com as faixas etárias e, dentre estas as fases de 0 a 12 meses, a partir do nascimento, constituem etapas marcadas pelo estágio impulsivo-emocional, predominando a afetividade que orienta as primeiras reações do bebê frente às pessoas, como também a emocional com a interação da criança e o ambiente.

Nesse contexto teórico, os aspectos psicomotores dizem respeito a dois estágios. O estágio impulsivo que abrange a faixa etária de 0 a 3 meses e o estágio emocional que se inicia a partir dos 03 até os 12 meses de idade, sendo que nessa sucessão de estágios a forma de atividade, o interesse da criança com o mundo, com as pessoas, com coisas são alternados, mudanças estas que Wallon denominou de “principio da alternância funcional”.

No capítulo I será abordado de forma sucinta as premissas do pré-projeto, para melhor apreensão das contextualizações teóricas.

No capítulo seguinte apresenta-se inicialmente com o estágio impulsivo – emocional relacionando à motricidade tendo como predominância a afetividade que orienta as primeira reações do bebê frente às pessoas, como também a emocional na qual a criança interage com o ambiente.

Posteriormente, no terceiro capítulo será explanado o estágio do pensamento e cognição que aborda a linguagem primitiva constituída de pura emotividade.

Finalizando, no quarto capítulo explanará também sobre, a personalidade e afetividade, ou seja, momento em que a criança, por ser dependente de outra pessoa, começa a se comunicar de várias maneiras, através de gritos, choro na qual utiliza esses meios para demonstrar alguma necessidade pessoal, tais como fome, dor, entre outras coisas.

**CAPÍTULO I**

1. **PROBLEMA**

A escassez de aprofundamento na teoria de Wallon voltadas ao desenvolvimento da criança de 0 a 1 ano.

**1.2 – OBJETIVO**

Realizar um estudo bibliográfico sobre o estágio de desenvolvimento das crianças de 0 a 1 ano, na teoria Walloniana.

**1.3 – METODOLOGIA**

A metodologia a ser utilizada neste trabalho busca por meio da pesquisa bibliográfica ampliar nossos conhecimentos acerca dos estágios de desenvolvimento da criança, segundo as teorias de Wallon.

Segundo Immanuel Kant (1689 – 1755) a pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação, ou seja, após a escolha de um assunto, dá – se a necessidade de fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado. Procura-se inicialmente um método mais apropriado, afim de obter um conhecimento de suas variáveis como também na autenticidade da pesquisa visando a objetividade de escolha para uma melhor orientação.

Essa pesquisa inicia-se no ano letivo de 2007, entre o período dos meses de setembro/2007 a março/2008, visando entender os estágios de desenvolvimento da criança segundo as teorias wallonianas, cujo tema em questão visa favorecer uma fundamentação teórica necessária para o entendimento do mesmo, sendo este o principal meio de investigação para se obter conhecimento sobre as fases evolutivas da criança.

A pesquisa bibliográfica irá abordar consultas na internet, leitura de livros como também a mediação proposta nos fascículos de psicologia entre outros materiais utilizados.

**CAPÍTULO II**

**2.0 – O ESTÁGIO IMPULSIVO – EMOCIONAL RELACIONADO À MOTRICIDADE E O MOVIMENTO.**

Nessa perspectiva educacional, a compreensão do psiquismo humano de acordo com cada fase de desenvolvimento e o sistema de relações estabelecidas entre a criança e seu meio de acordo com a teoria de Henri Wallon, faz-se necessário para melhor compreensão da mesma.

O que se observa é que Wallon se preocupou em formular teorias voltadas ao desenvolvimento infantil, utilizando o materialismo dialético como fundamento filosófico e como método de análise, que segundo ele, a criança passa por um processo pontuado por conflitos entre o “eu – outro” e a construção da pessoa.

**2.1 – MOTRICIDADE E MOVIMENTO**

Para Wallon, o movimento tem um significado de relação afetiva com o mundo que se divide em três formas de movimento que se influenciam mutuamente, a original de individuo para individuo, conhecida como exógenos (ambiente exterior), endógenos (ambiente interior) período de maturação nervosa, dos músculos da coluna, autógenos, período de locomoção, preensão e corporais, compreensão do objeto, do mundo e aprendizagens psicomotoras em que a criança passa por um processo de evolução da psicomotricidade.

Dessa maneira, no estágio impulsivo (recém-nascido), corresponde ao período que vai do nascimento ao primeiro mês de vida; os movimentos são automáticos e ligados ás reações reflexas. É comum a ocorrência de descargas motoras, devido a maturação do sistema nervoso, as atividades tônicas e clônicas estão indiferenciadas.

Galvão (2002) relata que a criança possui movimento sem coordenação e significado ou objetivo, em que a sua ação é tida como “portadora duma carga afetiva e emocional”, emoções que é dada da consciência, da pré–consciência.

Para Wallon, o ato motor tem papel fundamental na afetividade e também na cognição, relacionando – se com o mundo físico (motricidade de realização) na motricidade expressiva, por meio de estudos sobre as emoções.

“Antes de agir diretamente sobre o meio físico, o movimento atua sobre o meio humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. Podemos dizer que a primeira função do movimento no desenvolvimento infantil é afetiva. É só no final do primeiro ano, com o desenvolvimento das praxias, gestos como o de pegar, empurrar, abrir ou fechar, que se intensificam as possibilidades do movimento como instrumento de exploração do mundo físico, voltado à ação da criança para a adaptação à realidade objetiva”. (GALVÃO, 2002, p.70)

Nessa linha de pensamento, Wallon diz que o movimento é regulado pelo equilíbrio, pelo deslocamento de segmentos corporais, a fim de obter estabilidade postural. Ex: a criança que ao pegar um objeto com as mãos, exige dela o movimento dos músculos de seu corpo, tal ação possibilita mantê-la numa postura adequada para seu apoio, garantido estabilidade das relações entre as forças corporais e as forças do mundo exterior.

Segundo Wallon, o tônus muscular está ligado ás reações emocionais. As emoções são os resultados da variações tônicas e posturais que se manifestam em diferentes atitudes, a partir de descoordenação inicial, a consciência esboça as suas primeiras aquisições que, embora ainda sincréticas e confusas anunciam a chegada do movimento significativo (do movimento para alguma coisa).

A excitação é superior á inibição e assiste-se por isso a um exagero das funções tônicas o movimento que ensaia as primeiras relações com o mundo exterior expressa nos esboços a tentativa das atitudes posturais em que assenta quanto a estas atitudes traduzem por um lado o prelúdio de relações circulares entre mobilidade e sensibilidade e, por outro, o sinal indicativo de que se aproximam entre as primeiras reações. O recém-nascido utiliza dos movimentos agitados e desajeitados para se comunicar com o meio ambiente e com as pessoas que vivem ao seu redor, em que a motricidade é tida como suporte comum e original, necessária para o aparecimento das realizações da vida psíquica.

Estes movimentos agitados e desajeitados, sendo as primeiras formas de comunicação da criança com o meio ambiente que são as suas transformações em gestos úteis e significativos no qual virá a preparar (e a permitir) os seus primeiros sucessos em relação ao seu envolvimento.

Nesse sentido, Wallon relata que a ação é portadora duma descarga afetiva e emocional e tem como motor de arranque o jogo-dialético entre o bem e o mal estar, as emoções constituem-se portadora de representações ou apresentação em gestão.

Durante a afetividade motora-reflexa, nas primeiras semanas de vida, o recém-nascido está dominado por funções de ordem fisiológica, vegetativa, como: o ato de respirar, o sentir sono, a fome e o sentir confuso do próprio corpo, agindo por meio de impulsos desordenados.

A partir do sexto mês, a criança começa a traduzir suas emoções, agindo sobre seu meio de maneira intuitiva, em que a emoção é uma manifestação plenamente normal, desde então, a criança começa a distinguir-se do grupo a que pertence.

No estágio tônicio-emocional que compreende do sexto ao décimo segundo mês, a criança começa a ter consciência de seus movimentos, relacionando-se com o mundo exterior, na tentativa de manter uma postura corporal afim de se equilibrar sozinha, como também começa a envolver-se no processo emocional, em que suas atitudes passam a serem consideradas como estruturas intermediarias entre o real e a representação, que influencia dialeticamente no desenvolvimento da inteligência e da afetividade.

Segundo Mendes e Fonseca(1988), nesse estágio ocorrem à predominância da afetividade orientando as primeiras reações do bebê ás quais intermediam sua relação com o mundo físico; esse estágio é identificado pela maturação dos corticais, principalmente das áreas que regulam o tônus muscular.

No recém-nascido, permanentemente submetido a bruscas variações do grau de tensão muscular, é muito comum que os estados emocionais tenham suas causas no plano corporal, devido a sua imperícia motora, incapaz de dar vazão a esta tensão por meio de ação sobre o meio físico. A forte tensão transforma-se, então, em contorções e espasmos, gerando crises emotivas.

Uma importante característica da função tônica é a concomitância entre as contrações e a sensibilidade a ela correspondente, ou seja, a criança sente suas variações tônicas tão logo elas ocorrem. Assim, a modelagem do corpo realizada pela atividade do tônus muscular permite, além da exteriorização dos estados emocionais, a tomada de consciência dos mesmos pelo sujeito.

E, no estágio dos nove meses em diante, a criança é envolvida na etapa sensório-motora, estabelecendo sensações, movimentos, ligações tidas como necessárias para o seu desenvolvimento. Nesse estágio, a criança ao colocar objetos à boca para explorá-las, primeiramente ela sente esse objeto, que posteriormente apalpa, utilmente com a mão, passando por um período do “espaço bucal” para o “espaço próximo” que posteriormente passa por um “espaço locomotor”, em que a criança movimenta o objeto de conhecimento.

Através da interação com os objetos e com o seu próprio corpo, a criança se relaciona por meio de seus movimentos, suas sensações, experimentando a diferença de sensibilidade que existe entre o que pertence a superfície exterior e o que pertence ao seu próprio corpo.

Nota-se que a criança durante seu estágio de desenvolvimento, passa por diversos processos de evolução que vai do gesto á palavra, posteriormente passa do ato ao pensamento, fases que provocam mudanças marcantes em sua vida, de acordo com os prelúdios psicomotores do pensamento acerca da evolução psicomotora da criança, em que Wallon atribui a esse processo de desenvolvimento infantil como descontínua onde cada etapa do desenvolvimento possui características próprias.

Finalizando este capítulo, pode-se perceber que durante esse estágio impulsivo-emocional relacionado a motricidade e o movimento, a criança necessita de atenção redobrada e cuidados especiais, haja vista que nessa fase de desenvolvimento, a criança precisa relacionar-se com outras pessoas, como também com seu meio para superar conflitos consigo mesma e com as pessoas que vivem ao seu redor afim de construir sua própria identidade.

**CAPÍTULO III**

**3.0 – O ESTÁGIO IMPULSIVO – EMOCIONAL VOLTADO AO PENSAMENTO E COGNIÇÃO.**

Nessa fase de desenvolvimento, a criança recém-nascida é totalmente dependente de outra pessoa e através do choro, dos gritos que ele se comunica com o meio para demonstrar alguma necessidade como fome, dor...etc. Pouco a pouco a criança vai se interagindo com o meio e suas reações se diversificam tornando-se mais claramente intencionais de acordo com suas emoções definidas.

“Embora a emoção seja um fato fisiológico nos seus componentes humorais, é também um componente social a medida que se estabelece um comunicação rudimentar com o ambiente a partir da expressividade dos primeiros sinais orientadores para o mundo humano, como a manifestação de alegria, fúria, sorriso, por exemplo. Nesse sentido, pode-se entender a emoção como uma linguagem antes da linguagem”. (ZAZZO APUD WALLON, 1968, p.14)

Nessa linha de pensamento, as emoções são manifestações da vida afetiva de uma criança na qual ela transporta seus sentimentos orgânicos para o social, do plano fisiológico para o psíquico.

Para Wallon, a emoção é, no entanto ainda o verdadeiro e quase único detonador da ação, ou seja, uma pré-linguagem de verdadeiro significado inter-social na medida em que as expressões emocionais dependem da relação com os outros, nomeadamente a mãe que é de fato um adulto socializado portador de cultura, considerando a criança um ser social geneticamente e biologicamente.

Contudo, as primeiras emoções de uma criança no primeiro ano de vida é na maioria das vezes motivo de alegria para as pessoas que a rodeiam formando assim um círculo de contágio emocional que parte da criança e vai para os atores sociais, xestabelecendo assim uma sintonia afetiva e uma comunhão de afetividade.

A análise das emoções permite-nos perceber que elas são modalidades arcaicas da sensibilidade e do movimento; daí o papel da emoção na evolução global da criança.

No adulto, como ressalta Zazzo (1972) discípulo de Wallon, a emoção é um fator de desorganização de comportamentos; mas na criança a emoção é um fator de organização de comunicação e de expressão.

Dessa maneira, a emoção encontra–se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico; as teorias clássicas sobre as emoções baseiam-se numa lógica mecanicista e não são capazes de compreendê-las em toda sua complexidade. Nessa teorias distinguem-se duas tendências:

Kantor e Lapicque (1986) vêem as emoções como reações incoerentes e tumultuadas. Ex: um criança está sentada no chão brincando distraidamente com algumas peças de quebra-cabeça que acabara de ganhar. De repente chega um coleguinha e toma-lhe algumas peças, a criança enraivecida põe-se a chorar e a gritar, em meio a um grande tumulto começa a brigar com o coleguinha que pegou algumas peças. Este por sua vez não quer devolver as peças. Não é difícil imaginar a tremenda confusão em que se meteu o colega ao pegar aquelas peças.

Segundo CANNON, (1986, p.58) (...) o poder ativador das emoções, considerando-as como reações positivas. Acompanhadas de uma descarga de adrenalina. As emoções provocam o aumento de disponibilidades energéticas.

Um outro exemplo pode ser dado onde uma criança andando na rua, de repente um cachorro põe-se a correr atrás dela. Esta por sua vez, tomada de pânico começa a correr até que encontre abrigo nos braços da mãe que está próxima do local. Graças ao medo que sentiu, desenvolveu uma velocidade que não conseguiria atingir em estado normal.

Para Wallon, ao invés de tomar partido contra ou a favor das emoções, numa inadequada perspectiva de valorização, busca compreendê-las tentando apreender sua função. Contrariando a visão das teorias clássicas, defende que as emoções são reações organizadas e que se exercem sob o comando do sistema nervoso central.

Nessa perspectiva, Wallon relata que no adulto são menos freqüentes as crises emotivas, como ataques de choro, birras, surtos de alegria, tão comuns ao cotidiano das crianças. As emoções aparecem reduzidas, pois subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores.

Assim, ao enfocar as emoções na vida adulta, as teorias clássicas tendem a identificá-las com ação sobre os automatismos motores e a ação mental. Vale ressaltar que as emoções e os movimentos são condutas edificadas pela tonicidade que, como plasma de maturação neuromuscular, vai permitido a edificação das posturas e atitudes. Atitudes, que são aqui consideradas como estruturas que intermediariam entre o real e a representação que, influenciam dialeticamente o desenvolvimento da inteligência e da afetividade.

Os primeiros esboços psíquicos de uma criança acontecem quando ela começa a ser organizar psicologicamente ligando seus desejos com suas reações físicas, que segundo a perspectiva Walloniana dão origem a indicadores ao longo do desenvolvimento humano, tais como: gestos de mímicas e apelos, olhar, apreensão e marcha, imitação, esquema corporal...etc.

Wallon diz que, a simbiose é tida como uma característica predominante, sendo inicialmente orgânica e posteriormente afetiva e, a presença do outro (pessoa) torna possível à maturação dos sistemas nervosos (SN) e, consequentemente do desenvolvimento psicomotor.

Ao dirigir o foco de sua análise para a criança, Wallon revela que é na ação sobre o meio humano, e não sobre o meio físico, que deve ser buscado o significado das emoções.

As emoções possuem características especificas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca. Além dessas variações no funcionamento neurovegetativo, perceptíveis para quem as vivem, as emoções provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma como são executados os gestos. Acompanham-se de modificações visíveis do exterior, expressivas, que são responsáveis por seu caráter altamente contagioso e por seu poder mobiliza dor do meio humano.

Dessa maneira, as emoções podem ser vinculadas á maneira como o tônus se forma, se conserva ou se consome. A cólera, por exemplo, vincula-se a um estado de hipertonia, no qual há excesso de excitação sobre as possibilidades de escoamento. A alegria de um equilíbrio e de uma ação recíproca entre o tônus e o movimento, é uma emoção eutônica. Na timidez verifica-se hesitação na execução dos movimentos e incertezas na postura a adotar, há um estado de hipotonia. Com base nesta relação, resulta até mesmo uma classificação das emoções segundo o grau de tensão muscular a que se vinculam.

O fato de as emoções estarem sempre vinculadas a essas reações neurovegetativas e expressivas deve-se á existência de um substrato corporal comum, a função postural ou tônica. Ela é responsável pela regulação das alterações do tônus da musculatura dos órgãos internos (lisos) e da musculatura esquelética (estriada). O serviço da expressão das emoções, as variações tônicas-posturais atuam também como produtoras de estados emocionais; entre movimento e emoção a relação é de reciprocidade.

Durante o estágio de desenvolvimento de 0 a 1 ano, a criança se socializa através de sua relação com o meio social, interação esta que possibilita a construção de eu e da sua própria personalidade.

Dessa maneira, pode-se dizer que nesse primeiro estágio da psicogênese, a afetividade impulsiva, emocional vista pela atividade motora reflexa da criança, pelo contato físico é analisado por movimentos expressivos, como gestos, mímica dirigidas às pessoas mais próximas a ela, como também sua postura corporal.

Nesse estágio impulsivo-emocional, a criança possui a capacidade de repetir inúmeras vezes o mesmo percurso sem a preocupação de chegar a nenhum lugar, na tentativa de realizar suas funções psíquicas, em que os primeiros atos voluntários começam a despontar, a criança começa a descobrir seu corpo, sua potencialidade por meio da coordenação dos campos perceptivos e motor.

Diante disso, Wallon diz que mesmo na atividade de crianças maiores podemos identificar essa dinâmica. Como exemplo as crises de choro sem motivo aparente, como aquelas típicas do final de um dia bem agitado. Cansada, mas mito excitada, a criança mostra-se irritada. Por um pretexto qualquer, faz uma bela birra, briga até conseguir chorar. Passada a crise a criança fica calma, relaxada. Através de choro houve a descarga da tensão que a impedia de relaxar.

Conclui-se nessa fase de desenvolvimento que a criança depende de outra pessoa para construir sua personalidade, relação esta que faz com que ela interaja com o meio onde suas reações se diversificam, cheia de intenções de acordo com suas emoções, ao passo que ela estabeleça uma comunicação rudimentar através de suas manifestações, como: alegria, fúria, sorriso entre outras carregadas de emoções que segundo Wallon, são manifestações da vida afetiva infantil.

**3.1 – PENSAMENTO E COGNIÇÃO**

A gênese da inteligência para Wallon é genética e organicamentesocial, ou seja, “o ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar” (Dantas, 1992). Nesse sentido a teoria do desenvolvimento cognitivo de Wallon é centrada na psicogênese da pessoa completa.

Henri Wallon reconstituiu o se modelo de análise ao pensar no desenvolvimento humano, estudando-o a partir do desenvolvimento psíquico da criança. Assim, o desenvolvimento da criança aparece descontínuo, marcado por contradições e conflitos, resultado da maturação e das condições ambientais, provocando alterações qualitativas nos seu comportamento. Em geral Wallon realiza um estudo que é centrado na criança contextualizada, onde o ritmo no qual se sucedem às etapas do desenvolvimento é descontínuo, marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas, provocando, em cada etapa profundas mudanças nas anteriores.

Nesse sentido, a passagem dos estágios de desenvolvimento não se dá linearmente por ampliação, mas, por reformulação, instalando-se no momento da passagem de uma etapa a outra, tendo crises que afetam a conduta da criança. Conflitos se instalam nesse processo e são de origem exógena quando resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura e endógenos e quando gerados pelos efeitos da maturação nervosa (Galvão, 1995). Esses conflitos são propulsores do desenvolvimento. Os cinco estágios de desenvolvimento do ser humano apresentados por Galvão (1995) sucedem-se em fases com predominância afetiva e cognitiva: Na sucessão de estágios há uma “alternância funcional”, onde cada fase predominante, incorpora as conquistas realizadas pela outra fase, construindo-se reciprocamente, num processo de integração e diferenciação.

Nessa linha de pensamento Wallon considera que não é possível selecionar um único aspecto do ser humano e vê o desenvolvimento nos vários campos funcionais nos quais se distribuem a atividade infantil (afetivo motor e cognitivo).

Para ele o estudo do desenvolvimento humano deve considerar o sujeito como “geneticamente social” e estudar a criança contextualizada, nas relações com o meio. Wallon recorreu a outros campos de conhecimento para aprofundar a explicação dos fatores de desenvolvimento. Segundo ele a atividade do homem é inconcebível sem o meio social; porém as sociedades não poderiam existir sem indivíduos que possuam aptidões como a da linguagem que pressupõe uma conformação determinada do cérebro, haja vista que certas perturbações de sua integridade, privam o indivíduo da palavra. Vemos que para ele não e possível dissociar o biológico do social no homem. Esta é uma das características básicas da sua teoria do desenvolvimento.

De acordo com Dantas (1992) Wallon concebe o homem como sendo genética e organicamente social e a sua existência se realiza entre as exigências da sociedade e as do organismo.

Pedagogicamente a reflexão a partir de tais concepções exige uma pratica que atende as necessidades das crianças nos planos afetivos, cognitivos e motores, além de promover o seu desenvolvimento em todos os níveis.

O maior objetivo da educação no contexto de sua psicologia genética estaria posto no desenvolvimento da pessoa e não em seu desenvolvimento intelectual. A inteligência é uma parte do todo em que a pessoa se constitui. “Só podemos entender as atitudes das crianças se houver compreensão da trama do ambiente no qual ela está inserida”.

**3.2 – DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO**

Wallon define desenvolvimento sendo o processo pelo qual o individuo emerge de um estado de completa imersão social em que não se distingue do meio para um estado em que pode distinguir seus próprios motivos oriundos do ambiente. Deste modo, desenvolver-se se tornaria sinônimo de identificar-se em oposição ao mundo exterior.

O desenvolvimento ocorreria, para Wallon, por uma sucessão de estágios, à maneira da teoria de Piaget, mas através de um processo sistemático e contínuo, em que a criança oscila entre a afetividade e a inteligência. O desenvolvimento é movido por conflitos, dialeticamente de maneira a analogia, a combinação de acomodação, assimilação e equilibração na teoria piagetiana. Entretanto, ao contrario de Piaget, Wallon acreditava que o processo não é tão bem delimitado, mas constante, pode haver, inclusive regressão: as aquisições de um estágio são irreversíveis, mas o indivíduo pode retornar as atividades anteriores ao estágio. Um estágio não suprime os comportamentos anteriores, mas sim os integra, resultando em um comportamento que é a acumulação das partes.

A teoria de Wallon confronta-se com o Behaviorismo neste ponto. Enquanto um comportamentalista acredita que a aprendizagem é um processo de modelagem onde vários comportamentos são condicionados e posteriormente extinto, Wallon afirma que o comportamento apreendido não é extinto, mas sim integrado ao posterior. Por exemplo, durante, a aprendizagem da escrita, a criança primeiramente aprende a desenhar algo semelhante a um círculo, para posteriormente “puxar a perninha” e escrever um “a”. O comportamentalista afirma que o comportamento de desenhar o círculo foi extinto, mas Wallon vai além e afirma que foi integrado a outros comportamentos ou, para usar um termo mais adequado á teoria Walloniana, integrado a outras aprendizagens.

**CAPÍTULO IV**

**4.0 – ESTÁGIO IMPULSIVO – EMOCIONAL VOLTADO A PERSONALIDADE E AFETIVIDADE.**

Embora existam nos meios educacionais, diferentes perspectivas que visam discutir as relações entre os domínios afetivos, cognitivos e motores no desenvolvimento humano, estaremos fundamentando nossa análise nos pressupostos de Wallon.

Teóricos como Dantas (1992), Almeida (1999), Tassoni (2000) e outros concordam que a afetividade ocupa lugar de destaque em suas análises e se constitui num domínio funcional, uma etapa em que a criança começa a percorrer ainda nos primeiros dias de vida, influenciando de forma significativa na formação do seu psiquismo. Segundo Wallon (1998, p.1994):

As primeiras relações utilitárias da criança não são relações com o mundo físico, as quais, quando aparecem, começam por ser puramente lúdicas; as relações humanas, relações de compreensão cujo instrumento necessário é os meios de expressão [...]

Entendemos com isso que o aparecimento da afetividade é anterior à inteligência na criança e que no início da sua vida, afetividade e inteligência apresentam-se misturas, porém com o predomínio da afetividade sobre a inteligência. A criança ao nascer, antes de estabelecer atividades de relação com o meio, isto é, no sentido de conhecer, descobrir o mundo físico, permanece por um dado período, voltado para si mesma, como se estivesse desenvolvendo ou exercitando determinadas habilidades para poder mais tarde interagir com a realidade.

As influências afetivas que envolvem a criança desde o inicio de sua vida, sobretudo por meio das relações que mantêm com os outros, serão determinantes na sua evolução psíquica. Isso porque, o desenvolvimento da afetividade e da inteligência tem uma base orgânica e ao mesmo tempo social, ou seja, mesmo a criança possuindo todas as condições biológicas de desenvolvimento, isso só será possível mediante as condições sociais. Nesse sentido, concluímos que o psiquismo se desenvolve com base nesse relação entre os fatores orgânicos e sociais, durante todo o percurso de desenvolvimento humano.

Em sua teoria, Wallon (1998) considera a afetividade um campo funcional bem amplo que comporta um conjunto de manifestações, englobando os sentimentos, que considera serem de origem psicológica, e as emoções, que considera serem de origem biológica. A paixão é considerada um sentimento tenaz, que erradia uma afetividade mais ardente, ligada à emoção. A afetividade nesse caso corresponde a um período mais tardio no desenvolvimento da criança, precisamente quando surgem os elementos simbólicos.

Dessa forma a afetividade constitui em cada estágio de desenvolvimento, um tipo de manifestações diferente, sobre tudo em função das necessidades e possibilidades maturacionais da criança. Ao lado da inteligência e da motricidade a afetividade vai tornando possível a evolução psíquica da criança, que ocorre por meio de uma interação contínua, formando pares que se alternam, contribuindo assim com o funcionamento do psiquismo como uma unidade.

A diferenciação entre inteligência e afetividade se inicia logo nos primeiros meses de vida da criança, no entanto, a alternância entre as duas se mantém de tal forma que uma sempre vai repercutir sobre a outra permanentemente. Conforme esclarece Dantas (1992, p.90):

A história da construção da pessoa será constituída por uma alternância de momentos dominantes afetivos, ou dominantemente cognitivos, não paralelos, mas integrados. Cada novo momento terá incorporado às aquisições feitas no nível anterior, ou seja, na outra dimensão. Isso significa que uma depende da outra para evoluir.

Entendemos com isso que a afetividade, assim como a inteligência, passa por um processo de fases tendendo à evolução, à racionalização. Nessa fase, as trocas afetivas são realizadas sempre na presença de parceiros, por meio sobre tudo dos movimentos sob a forma de uma solidariedade afetiva. Enquanto a criança não domina a linguagem verbalizada, é através do ato motor que são traduzidos as manifestações do psiquismo infantil, garantido a relação da criança com o meio, ou seja, inicialmente a base da sua comunicação com o mundo tem por fundamento o tônus . Como ainda não dispõe da linguagem verbalizada, a criança projeta para o meio social suas sensações, por meio dos gestos, dos espasmos e dos reflexos.

Essa evolução da afetividade garantirá a criança a apropriação do universo simbólico da cultura, elaborado e planejado pelos homens ao longo de sua história, dando assim origem a atividade cognitiva. Nessa fase a criança estará voltada para a investigação e exploração da realidade exterior, bem como pela aquisição da aptidão simbólica e pelo início da representação, caracterizando-se numa etapa preponderantemente intelectual. Em outros termos a inteligência dedica-se a construção da realidade, ou seja, nomear, identificar e localizar os objetos são conquistas importantes para a criança. É um momento de reconhecimento espacial dos objetos, de si mesma e de maior diversidade de relações com o meio. (COSTA, 2003, p.32)

Nesse processo de individualização, a criança passa a se perceber e a se diferenciar dos objetos que estão a sua volta por meio das relações sociais. Isso serve para evidenciar mais uma vez a idéia de Wallon (1998) sobre a relação de reciprocidade entre o orgânico e o social na constituição da personalidade da criança, pois embora a criança possua capacidade biológica para se desenvolver, isso só é possível por meio do social.

Dessa forma, observamos que a afetividade e a inteligência juntamente com a motricidade são elementos inseparáveis na evolução psíquica da criança, pois ambas têm papéis bem definidos e integrados, permitindo a criança alcançar níveis de pensamento cada vez mais elevados. Nesse processo, o orgânico e o social são os fatores que possibilitam as condições para que essa evolução ocorra.

Entendemos que a afetividade assim como a inteligência, não são funções que aparecem na criança de forma pronta e acabada pelo contrario, ambas evoluem ao longo do desenvolvimento humano, sendo construídas e modificas de uma fase a outra. Há momentos em que a predominância é cognitiva, nesse caso a direção do desenvolvimento é a construção do objeto e da realidade que passa a acontecer por meio da aquisição dos instrumentos elaborados historicamente pela sociedade. É importante enfatizar que tanto numa fase quanto na outra, o ato motor se torna indispensável, para a constituição do conhecimento e para a manifestação das emoções, portanto inerente ao cognitivo e ao afetivo, por sua vez a constituição da pessoa.

Esses processos que marcam a evolução e o desenvolvimento do psiquismo da criança, embora aconteçam em sentidos opostos, são eminentemente sociais. Portanto, devemos concluir que a inteligência, a afetividade e a motricidade relacionam-se e integram-se mutuamente e que, a criança, ao elaborar o conhecimento e expressar suas emoções o faz mediante a influência direta dessas funções, uma servindo de base para a outra, o tempo todo.

**5 – CONCLUSÃO**

A partir das discussões apreendidas dos pressupostos, pode-se adquirir novos olhares quanto às teorias Wallonianas entre outras que se inter-relacionam apontando os fundamentos e a importância para nossa prática pedagógica. Suas idéias são seguidas em diversos contextos escolares, onde destacam a concepção de desenvolvimento e a respectiva articulação com o método de estudo.

Os estágios de desenvolvimento, segundo Wallon, foram apresentados, buscando assegurar as suas relações com a maturação neurológica e retratar as diferentes possibilidades de se explicar o desenvolvimento humano, seja pela recorte da motiricidade, da cognição, da afetividade ou mesmo da articulação entre os mesmos.

Contudo, constatamos a importância dos estágios de desenvolvimentos que foi delineado com o objetivo de contribuir na educação das crianças de até um ano.

**6 – referências bibliográficas**

**ANDRADE,** Daniela Barros da Silva Freire, Psicologia: Desenvolvimento e Aprendizagem em bebês e crianças pequenas, Fascículo 2, Cuiabá: EdUFMT, 2006.

**DESLANDES,** Keila, Psicologia: Introdução a Psicologia, Fascículo 1, Cuiabá: EdUFMT, 2006.

**GALVÃO,** Izabe. Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil; 10ª edição, editora notícias. Coleção Pedagógica. Lisboa: 1988.

**SITE DE APOIO**

<http://www.google.com.br>